

FUNCHAL CULTURA 2030: ARTES VISUAIS

A quarta conversa, no âmbito do projecto Funchal Cultura 2030, promovida pela Câmara Municipal do Funchal, realizou-se no dia 9 de julho de 2020. A conversa, dedicada às Artes Visuais, foi transmitida em direto através da plataforma Zoom e disponibilizada nas redes sociais do Município do Funchal, a exemplo das conversas anteriores.

Os convidados foram os artistas madeirenses Fátima Spínola (moderadora), Henrique Leal, Teresa Gonçalves Lobo e Vítor Magalhães.

A moderadora desta quarta conversa, a artista Fátima Spínola, lançou as questões para debate, focalizadas na Profissionalização, no Futuro das Artes Visuais e no Financiamento do sector.

Segue-se a Conversa dedicada às Artes Visuais na Madeira:

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

O Funchal Cultura 2030 é um projecto desenhado pela Câmara Municipal do Funchal, para fomentar uma reflexão partilhada, e também para delinear os eixos centrais a aplicar na área da cultura nos próximos dez anos, isto é, para ser aplicada a partir de 2021 até 2030. Hoje vamos conversar sobre a profissionalização, sobre o futuro das Artes Visuais e sobre o financiamento do sector, para que possamos contribuir para a definição das medidas mais urgentes a aplicar, a curto, a médio e a longo prazo.

Para iniciarmos esta conversa gostaria de questionar qual é o ponto de situação da profissionalização e ensino das artes visuais na região?

Henrique Leal (artista)

Gostaria de falar da minha experiência. Ao longo destes três anos, tenho desenvolvido vários projetos a nível de exposições e também de investigação artística. Tenho explorado vários meios, aceitei propostas e tenho tido algum sucesso. Não como uma profissão “normal” com ordenado fixo todos os meses, mas tenho tido algumas oportunidades para apresentar o meu trabalho e vender algumas peças. Tenho recebido encomendas e propostas de trabalho, mas obviamente gostava que fosse algo mais, que desse para viver da arte, o que não é fácil. Por isso tenho enveredado por outros caminhos. Tenho

trabalhado em *part-time* e, recentemente, estive a estagiar durante nove meses no Museu Etnográfico da Madeira, que foi bastante enriquecedor para o meu currículo.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

Muitas vezes, os artistas sentem que não dá para estar a 100% nesta área, mas questiono: Que experiência tiveste no curso na Universidade da Madeira (UMa)?

Henrique Leal (artista)

É um curso um pouco fraco, mas que tem um ponto positivo. Abrange muitas áreas, é muito geral, o que eu achei mau, nesse aspecto. Queria aprofundar algumas áreas, mas não podia porque já passava para outro tema. Era pouco tempo e, por iniciativa própria, após a licenciatura, investiguei essas áreas que gostava de explorar mais, como foi o caso do 3D, que me ajudou a entender melhor o mundo digital. E também a fotografia, que dá-nos uma perspectiva, um enquadramento das coisas que eu necessitava. Foi muito bom, por ter muito conteúdo, mas fraco a nível de exploração, devia ser mais aprofundado. Tendo em conta a realidade, foi muito bom.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

Agora temos uma nova realidade. Vou perguntar ao Vítor Magalhães, enquanto professor, como é que vê este novo curso na UMa?

Vítor Magalhães (artista e professor)

Para falar do novo curso convém fazer um olhar mais de perspectiva. Tendo em conta que o ensino das Artes Plásticas é uma experiência de ensino que já remonta há muitos anos, pelo menos desde a década de 70, 80, depois enquanto Instituto Superior, para o início da década de 90, quando passa para secção autónoma de Arte e Design e se integra na Universidade da Madeira. Aí, então, é o início do fim de uma fase mais ligada às Artes Plásticas, especificamente, em que era oferecida formação na área da Pintura, da Escultura e do Design, como variantes específicas dentro de um curso e de outro, para aquilo que se tornou, através do processo de Bolonha, para um curso de três anos, passando a designação para Arte e Multimédia. É uma fase de integração. A componente de multimédia também já existia cá no Instituto. Em termos de Plano de Estudos, recaía sobretudo na Pintura e na Escultura enquanto variantes mais específicas. A Arte e Multimédia tenta colmatar a parte mais ligada à questão da programação e do contexto

digital, eliminando bastante a parte ligada às práticas mais manuais. Nós tentámos fazer agora, em 2018, com a mais recente avaliação do curso a nível nacional. Foi a oportunidade ideal para reestruturamos todo o curso. Então, integrámos a componente mais manual, que não deixou de existir, mas temos agora uma componente ligada mais à área do desenho, mais os laboratórios. Organizámos o curso com disciplinas troncais que vão construindo o percurso do aluno, como o caso dos laboratórios das artes visuais e do desenho, que são centrais. Depois, todas aquelas que são mais técnicas e mais teóricas. Atualmente, não é o curso ideal, é muito difícil ter um curso ideal aqui, porque também o corpo docente é pequeno. Em termos de procura, a Região é pequena, logo, a procura é menor, comparando com Lisboa ou com o Porto. Quando se cria um curso aqui, tem de ser sempre de acordo com a realidade que temos cá. Não vamos pensar num curso em que, podemos ter disciplinas muito interessantes, e convidar pessoas dos quatro cantos do mundo, quando não temos condições para isso. Temos que trazer aquilo que pensamos para a realidade e estar coerente com o que queremos. Apesar de ser sempre um curso generalista. Dentro das Artes Visuais, que engloba várias áreas, como o vídeo, fotografia, animação... temos, por exemplo, uma disciplina de artes performativas, desde 2018. Essa abrangência é óbvio que compromete um aprofundamento de áreas específicas. Esse aprofundamento tem de ser sempre feito até porque estes cursos com o processo de Bolonha passaram para três anos. Eu defendo que nenhum artista ou designer é formado em três anos. Uma formação é muito mais longa. Isto é apenas uma formação base que qualquer pessoa pode ter para depois dar continuidade.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

Extatamente por essa razão, quando eu tive de decidir para onde ia estudar, em 2002. Optei por ir para outra faculdade porque sabia que tinha mais oficinas técnicas e um conjunto maior de oportunidades para desenvolver os meus projetos pessoais.

Gostaria de saber também da parte da Teresa, como as artes plásticas/visuais são importantes, de que forma têm impacto na educação e formação, não só dos artistas mas também de toda a população, de todos os cidadãos?

Teresa Gonçalves Lobo (artista)

Acho que tem muita importância. Deveria estar sempre a par e passo com a educação, com as escolas. Felizmente acho que as coisas estão a melhorar nesse aspecto na Madeira,

e comparativamente a artistas que conheço em Lisboa. Lembro-me das visitas que tinha quando estava na escola Bartolomeu Perestrelo, em que fomos ao Museu de Arte Sacra e o professor pediu para escolhermos e desenharmos uma pintura que mais gostássemos; de visitas a um senhor que fazia esculturas, que trabalhava a pedra no Funchal e essas coisas marcaram-me imenso. Já na minha geração, já se fez isso. Sei que agora está-se a fazer isso e acho muito importante, as visitas que se fazem aos museus, com as crianças e jovens. É uma coisa que deverá continuar e aí o papel dos museus é muito importante para chamar a atenção da sociedade em geral para a arte. A arte não é só para quem se está a formar como criança, como jovem. Há pessoas que são mais velhas do que nós, mas que não tiveram esse acesso e deveriam tê-lo agora. Lembro-me de uma situação, em 2008, numa exposição que fiz na então Galeria do Centro das Artes Casa das Mudanças. Nessa altura havia os Centros de Dia da Calheta que faziam visitas às exposições. Acho que é um exemplo a seguir. Não sei se há muitos sítios na Madeira que fazem. Mas, a forma como aquelas pessoas viram a exposição marcou-me imenso. Acho que nós temos também esse papel de dar às pessoas de uma geração muito mais velha, que muitas vezes não sabem o que fazem ao tempo, que precisam da nossa atenção e que merecem a nossa atenção. Acho que as Artes também deveriam ter o cuidado de não se esquecer deles. Claro que depois há o que está no meio e aí existe uma falha enorme. Não só na Madeira. No fundo em todos os países. Há muitos países que dão uma importância à arte, que infelizmente, em Portugal não se dá. Falo numa importância à Arte, não aos artistas. Porque, se as pessoas valorizarem a arte, vão valorizar quem a faz. Aqui há uns três ou quatro anos, o diretor do Museu de Arte Antiga, António Pimentel, falou muito numa pintura do Sequeira e fizeram muita publicidade, que era por o Sequeira no lugar certo. Toda a gente lembra-se disto e foi um trabalho excelente. Acho que nós também devíamos por a arte no lugar certo. A arte é muito importante e não é só para os artistas. É importante para o equilíbrio. Em primeiro lugar está a natureza, mas a arte vem logo a seguir. A arte é importantíssima para o equilíbrio do ser humano. Numa altura de pandemia, de crise, toda a gente lembrou-se da arte. A arte está sempre presente, vive dentro de nós.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

Não é por acaso que a arte tem tido uma ligação ao ser humano desde a nossa existência. Surge logo no início. Temos provas confirmadas que ela é essencial, que surgiu logo no início.

Vítor Magalhães (artista e professor)

É uma forma de expressão, mais do que expressão, se calhar... porque depois já entramos no conceito de Arte. Já foi vastamente discutido por historiadores, filósofos, enfim... Penso que a questão fulcral aqui é a arte enquanto olhar sobre o mundo. Uma perspetiva multifacetada, multidirecional também. Isso é uma questão essencial. Gostava de acrescentar algumas coisas ao que a Teresa salientou que parecem importantes: a questão do papel dos museus e, nesse contexto, dos serviços educativos. Temos de pensar nos museus enquanto instituição e ligado à arte. No geral, o museu tem vindo a abrir portas a um contexto social, comunitário e com um pensamento muito mais alargado do que era antes, sobretudo na sua origem, no final do século XIX. Esse tipo de museu oitocentista, no início do século XX, é um museu que já não existe. Temos de olhar para os museus como uma coisa diferente, hoje. A questão dos serviços educativos é um ponto essencial nos museus. São eles que fazem essa ponte com a comunidade, com as pessoas, com o público. São eles que constroem, para além das exposições e dos projetos e para além do trabalho dos curadores e da própria equipa do museu. São os serviços educativos que permitem estabelecer e criar essas narrativas que são tão importantes quando visitamos os museus. O que existe realmente, isso é um trabalho de casa feito de forma individual, como por exemplo, o caso do Museu de Arte Sacra, o Mudas e a Galeria dos Prazeres ou da Porta 33 e outras instituições que têm criado pontes com a comunidade local a vários níveis. Sobretudo este contexto inter-geracional que às vezes acontece e isso é muito benéfico para o entendimento da arte do ponto de vista mais contemporâneo, saindo daquele contexto mais elitista da arte. Há ainda duas questões que são importantes: por um lado, haver uma articulação entre as diversas instituições. Esse trabalho de casa que cada instituição faz tem que depois ser compensado, ampliado, potencializado com uma maior articulação entre as instituições. Uma das medidas urgentes para o futuro, pelo menos a nível institucional, é permitir uma maior articulação entre as instituições, e permitir um maior contacto entre a produção e o artista com o público e com a comunidade. Também é importante haver outros mecanismos que possam sair para fora do edifício institucional para abraçar uma comunidade mais vasta. Isto é onde considero que o papel do artista é fundamental. Aquele artista que trabalha só no seu *atelier*, num circuito mais fechado da sua criação, não quer dizer que não seja legítimo, mas é cada vez mais importante esse olhar mais contemporâneo dentro das práticas artísticas. Passa

muito sobre um olhar sobre a própria sociedade contemporânea e a ideia de comunidade. E como é que podemos articular esse olhar e essa actividade artística com a comunidade.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

Eu tenho trabalhado com os museus, particularmente com os museus da Câmara Municipal do Funchal que inicialmente tinha um serviço educativo separado, museu e teatro municipal e que agora têm um serviço educativo conjunto. Essa ponte tem de ser estendida a outros espaços, cada vez com mais colaboração.

Podíamos agora ver que medidas podemos apresentar como artistas e também outras que instituições como a Câmara Municipal e também privadas podem implementar para termos em 2030, com um trabalho de pelo menos dez anos, com um sector das artes muito mais forte, que consiga dar um salto e que consiga ser referência a nível internacional, porque não?

Henrique Leal (artista)

Como artista, que gostava de progredir e investigar um pouco mais, sugeria uma bolsa de investigação para apoiar esses projectos que vamos desenvolvendo ao longo do ano, para dar uma força psicológica e motivar o artista a ter liberdade de expressão, e poder ser ele próprio. Não ter medo nem limitações na criação desses trabalhos. Seria uma oportunidade para os novos artistas que estão a surgir aqui na Região.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

A criação de uma bolsa permitiria algum descanso mental na parte de que nós estamos sempre a lutar para ter dinheiro para sobreviver. E nesse aspecto temos algumas limitações, mesmo na escolha de materiais e técnicas que ficam fora do nosso alcance. Há outra sugestão, que era fundamental criar na Madeira um laboratório municipal das artes, especificamente no Funchal. Temos falado muito no espaço do antigo Matadouro. Creio que será o espaço ideal para ter uma criação interdisciplinar, com uma parte expositiva, uma de apresentação de espectáculos, com oficinas técnicas de produção que poderiam dar apoio a vários artistas de várias áreas. Por exemplo, comunicação, carpintaria, serralharia, iluminação, cenografia, todas essas componentes técnicas que é bastante difícil para nós, individualmente, termos tudo isso reunido. Aproveito para deixar esta sugestão, para um espaço que é tão falado para um centro de artes, que seja deste género, que interligue as várias áreas que elas também se apoiam mutuamente.

Teresa Gonçalves Lobo (artista)

Outra sugestão seria haver uma galeria municipal, por exemplo. Talvez seria uma forma de dar a conhecer não só à população da Madeira, mas a muitos turistas que cá chegam, que existem artistas e qualidade na arte na Madeira. Seria muito importante. É pena quando nos apercebemos que há turistas que estão habituados a visitar museus e muitas vezes saem sem ter contacto com as artes que se fazem na Madeira. Era benéfico para a imagem da Madeira. Os turistas que vêm à procura da Natureza também querem conhecer as pessoas. Conhecendo a arte, conhece-se também as pessoas e a forma de pensar de um lugar. Acho que a Madeira só teria a ganhar se conseguisse ter esse turismo da arte. Temos capacidade para chegar lá. Falámos na sustentabilidade da arte e os turistas, o público está cá, mas nós estamos escondidos. Também era importante que os museus estivessem abertos até mais tarde, como se faz em muitas cidades europeias, que os museus estão abertos até muito mais tarde, num dia por semana. As pessoas podem acabar o seu trabalho e naquele dia vão, ou, por exemplo, num fim-de-semana em que a abertura seria gratuita para os madeirenses, para que pudessem visitar os museus com a família. Há os guias intérpretes, que muitas vezes estão disponíveis, que muitas vezes não têm trabalho e que poderiam fazer as visitas guiadas com os madeirenses. Também em relação à publicidade, os artistas fazem o seu trabalho, mas esse tem de ser divulgado, divulgar os artistas que a Madeira tem. Por exemplo, em Viena, tem constantemente mupis no centro da cidade sobre a arte. Também poderíamos, a Câmara poderia usar o espaço publicitário para a divulgação dos museus e das exposições dos artistas, e dos espaços que há na Madeira. Não é comum ver-se publicidade de exposições, quando há na Madeira. As pessoas ao verem isso vão ter apetência para ver o museu.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

Também acho que deveríamos ter a criação de uma plataforma digital que represente e divulgue os artistas, tanto os que são residentes cá, como os nascidos na Região e que estão em toda a parte do mundo. Não sei se seria da competência de uma Câmara Municipal, ou em colaboração com o Governo Regional. Não temos nenhuma estrutura onde podemos encontrar os artistas e as obras dos artistas regionais.

Temos um potencial que deveria transformar a Região num centro de decisão a nível mundial, em especial nas residências artísticas. Aí teríamos um grande impacto, na cidade

e até mesmo no contexto regional, de artistas estrangeiros que trocariam experiências com artistas locais e sobretudo com os cidadãos.

Vítor Magalhães (artista e professor)

Quando o Henrique falou na bolsa de criação ou de investigação, eu acrescentaria o que acabaste de dizer, das residências artísticas, que contribuem bastante para esta partilha de ideias, de conhecimentos, de algo mais alargado, que é fundamental. Também é fulcral uma visão mais contemporânea das práticas artísticas, que às vezes falha um pouco. Às vezes misturam-se contextos, boas intenções com más práticas e isso nunca conduz a bons resultados. Penso que falta trabalhar uma consciência artística de um ponto de vista mais contemporâneo. Há também a questão da crítica de arte, que nós não temos aqui na Região. Até mesmo em Portugal é cada vez mais resumido, em vários contextos culturais. Na região não temos uma crítica de arte especializada.

Para esta questão dos espaços e da crítica de arte e tudo aquilo que têm vindo a falar, salientaria algumas coisas. Deveria haver uma maior solidariedade entre as pessoas dentro do sector, para melhorar alguns aspectos que estão mais fracos. A questão de uma Galeria Municipal, esta ideia da Quinta Magnólia como centro de arte seria um pouco isso. Mas também tem a ver com a questão às vezes falta, que é: como é que espaços como estes se apresentam? Fizeram um projecto como ambicioso e muito importante e eu gostaria de mencionar dois projectos: “Em viagem”, comissariado pela Márcia de Sousa do MUDAS e pela Rita Rodrigues e “O Ilhéstico”, comissariado pelo Miguel Peres, organizado pela Porta 33. Estes dois projectos que aconteceram no ano passado, até princípios deste ano, são dois projectos essenciais para percebermos aquilo que estive a falar sobre as práticas contemporâneas ligadas a um grupo de artistas que, a maior parte deles eu não conhecia, nascidos cá e que trabalham cá. Só para mostrar que, no mundo, há pouco contacto e esse mapeamento é importante para estabelecer mais elos de ligação.

A questão das residências artísticas e a abertura camarária para esse tipo de iniciativas são essenciais e estes dois projectos que mencionei fazem isso. Tentaram abraçar de alguma forma um conjunto de artistas e reunir um conjunto de artistas que estavam dispersos. Mas essa abertura inicia outros problemas. Uma questão fundamental e importante aqui na Região é dar continuidade a projetos. Falta uma programação continuada, apesar de algumas instituições já fazerem isso, mas, sobretudo no campo da arte contemporânea é necessário essa programação mais abrangente e mais continuada. Sobretudo interinstitucional, sairmos desta ideia das instituições como fechadas sobre si

próprias, e permitir que haja uma abertura. É necessário um mecanismo que é essencial: não burocratizar tudo. A hiper-burocratização, para além da questão das mentalidades e da politização cultural, são questões essenciais para permitir este diálogo, que é travado precisamente por estas três coisas que referi agora. A abertura tem que partir daí. Deixarmos da politização cultural que não leva a lado nenhum. Não hierarquizar demasiado as coisas. As instituições não têm autonomia nenhuma, os museus e alguns espaços, salvo algumas associações que recorrem a outros fundos, quer nacionais, quer europeus, estão totalmente dependentes das secretarias e dessa hierarquia, que é burocratizada e politizada. Enquanto isto não minimizar vamos ter sempre instituições que, mais do que trazer um benefício e um espaço de diálogo para as artes, vão travar as artes. Isto são medidas fundamentais e tudo o resto depende disso.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

No conjunto de diretrizes que eu achei que poderiam ser relevantes, uma que está nas nossas mãos enquanto artistas, seria também muito importante termos no mínimo uma cooperativa do sector. É necessário unirmos forças e partilharmos informações, tanto a nível de valores, sermos coerentes na prática de valores para algum tipo de actividade ou trabalho que temos de realizar. Seria excelente, também, termos suporte jurídico e apoio na criação de propostas que vão a concurso, a nível nacional e europeu. Esse trabalho de nos interligarmos, de trabalharmos uns com os outros e termos mão no nosso sector, é mais uma das áreas extremamente importantes.

Também era importante voltarmos a ter um Grande Prémio na área das Artes Visuais. Nem que fosse anual ou mesmo bianual, e que tivesse um impacto para nós querermos estar a produzir a um determinado nível. Devia ser algo que durasse e que fosse uma programação a médio e longo prazo. Seria um incentivo, uma meta para os artistas trabalharem e de alguma forma e não só para terem dinheiro mas também algum mérito de ganhar um prémio.

Vítor Magalhães (artista e professor)

Isso também ajuda, embora eu seja muito relutante em relação a esses prémios. Mas concordo que é um incentivo.

Acho que também é importante no sentido de contribuir para uma programação, uma escolha mais criteriosa em relação àquilo que se apresenta e que se divulga e acaba por

contribuir para iniciar uma carreira, divulgar um determinado percurso. É preciso também reunir massa crítica para permitir que essa programação continuada que falava há pouco. Se comparamos com outros contextos insulares, nós temos uma programação cultural até bastante boa. Tivemos aqui referências tanto a nível regional, como a nível internacional. Nesse aspecto não considero que sejamos insignificantes no meio do planeta. O que falta é um conjunto de estruturas para que essa programação. Até há pouco tempo (antes da situação pandémica) até havia excesso e uma sobreposição de coisas que estavam a acontecer ao mesmo tempo, ou na mesma altura, deixando outras alturas mais vazias. É preciso também organizar isto. Não é preciso mais actividade cultural. É preciso organizá-la melhor e criar outro tipo de mecanismos para que ela funcione um pouco melhor. Outra coisa importante é a formação do público e a consolidação de um determinado público. Todas essas iniciativas culturais que aconteciam até há pouco tempo, muitas delas tinham um público reduzido. É preciso fazer com que esse público cresça e perceba que há uma oferta muito grande e diversificada, mas que se rege por mecanismos estruturais que permitam, por exemplo, uma visita gratuita semanal, entre outras coisas. Não só atrair o público, mas fazer com que o público se constitua enquanto público real.

Teresa Gonçalves Lobo (artista)

Em relação às residências artísticas, dei-me conta de que havia e que tem já cerca de 2 ou 3 anos, apoios que se fazem no continente para artistas estrangeiros, para fazer residências artísticas. Nesta altura de pandemia continuou-se com esse concurso. Fiquei um pouco chocada quando percebi que havia apoios só para artistas estrangeiros, que tinham uma bolsa, residência e tinham todas as condições e não se pensou nos artistas que estavam em Portugal. Não se pensou nas residências artísticas que se podem fazer com um artista da Madeira, que vai fazer uma residência artística ao continente, ou que vai aos Açores, ou um açoriano que vem cá. Uma pessoa do Norte que vai ao Centro, ou do Centro que vai ao Sul. Acho que isto é uma coisa que deveria ser feita. O Henrique falou e vê-se que ele tem vontade de fazer as coisas. Como ele de certeza que há muitos. Gostaria de vê-los também a ter essa possibilidade, de fazer residências artísticas. Era uma coisa que o Ministério da Cultura deveria pensar.

Vítor Magalhães (artista e professor)

O curso de Arte e Multimédia, depois de Artes Visuais, por exemplo, com a Galeria dos Prazeres, criou pontes no sentido de trazer os artistas à Universidade para fazer uma

apresentação do seu trabalho e falar de uma forma mais próxima aos alunos. O curso de Artes Visuais também tem essa abertura. Temos vindo a trabalhar com o MUDAS e outras instituições e mesmo com artistas individualmente. Essa troca de ideias e esse diálogo também é bastante importante para um curso que se pretende que contribua para uma formação mais completa, apesar de ser só de três anos. Essa relação com o exterior é fundamental.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

A Galeria Porta 33 tem trazido também imensos artistas e feito estas pontes com os artistas regionais que vão fora e os que estão cá. Mas tem de ser algo que tem de partir da parte política e nós temos de fazer pressão para isso.

Henrique Leal (artista)

Na parte educativa deveriam investigar um pouco mais a parte digital e tecnológica, porque acho que é o futuro a nível artístico. Já que estamos a falar de 2030, acho que devíamos abrir essas portas, que o mundo lá fora já está preparado, mas aqui ainda está muito verde. É fundamental abrir horizontes para a realidade virtual, realidade aumentada, modelação 3D, programação e desenvolvimento digital, a nível gráfico. Isto é o futuro.

Fátima Spínola (artista) – Moderadora

E assim terminamos, agradecendo a oportunidade que tivemos de estar aqui em diálogo. Somos uma pequena representação de todos os artistas da Região e da cidade do Funchal e espero que tenham gostado de ter estado aqui connosco.

Teresa Gonçalves Lobo (artista)

E um agradecimento à Câmara (do Funchal) de ter tido a ideia de fazer estas conversas e de se ter lembrado dos artistas